

Entrevistas



Um Escritor no Purgatório *

Entrevista com Dalcídio Jurandir, por Antônio Torres, Haroldo Maranhão e Pedro Galvão

* Transcrição da entrevista concedida para a Revista Mensal de Literatura "ESCRITA", Ano I, N° 06, 1976.

As gerações mais novas nunca leram uma linha de Dalcídio Jurandir. Porque seus oito romances estão esgotados e nunca tiveram uma reedição.

Ele não está nem no céu nem no inferno da literatura. Como dizem os franceses, está no purgatório.

E com isso todos saem perdendo. Ele, porque deixa de ganhar por seu trabalho. É as novas gerações, porque deixam de ler um romancista que ninguém devia deixar de ler.

Dalcídio produziu a única obra de ficção verdadeiramente significativa que a Amazônia já deu à literatura brasileira: **Chove nos Campos de Cachoeira, Marajó, Três Casa e Um Rio, Belém do Grão-Pará, Passagem dos Inocentes, Primeira Manhã, Ponte do Galo** - romances que compõem uma espécie de obra-em-progresso, a que ele chamou de Ciclo do Extremo Norte.

E Linha do Parque - o único romance proletário digno desse nome que já apareceu no país, como disse Homero Homem.

Uma obra escrita com paixão, humildade, disciplina e talento, por um homem íntegro, fiel às suas raízes e à sua profissão de escritor. Mas, acima de tudo, uma obra bem escrita, no exigente sentido que essa expressão deve ter.

Logo no começo desta entrevista, Dalcídio nos mostrou os originais inéditos dos seus dois últimos romances: **Chão dos Lobos e Ribanceira**.

Ele anunciou a possibilidade de que este ano o "Chove" e o "Marajó" sejam reeditados.

Já era tempo. Dalcídio tem 67 anos e está doente.

Mas o seu pensamento está de pé: lúcido, alerta, sensível, corajoso, emocionante. Forte e inteiro como um tronco de acapu. (Pedro Galvão).

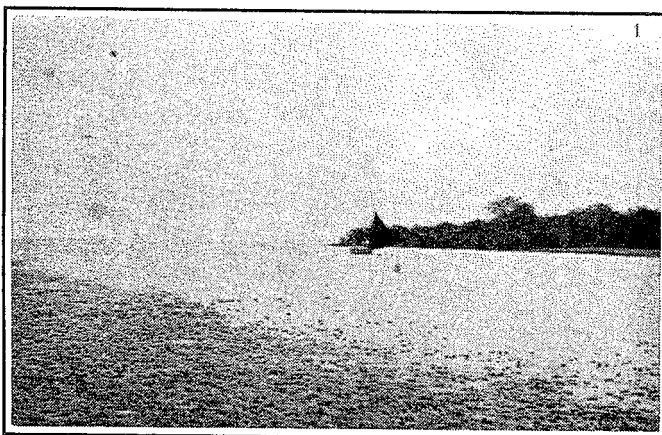
- De noite, eu, menino, pescava à janela do chalé, em Cachoeira do Arari. Os peixes vinham na inundação de março, o rio transbordando. Fisgava matupiri, sardinha, um e outro cachorrinho-

de-padre. Nunca um tucunaré, um araná, peixes nobres. Mas o gosto de pescar ficou, a visão da enchente permanece. Assim foi na pesca literária. Não consegui fisgar um livro à altura da minha pretensão e da minha paciência. Fisguei peixinho ordinário, o que me coube pescar, sorte ou desvalia, na humanidade marajoara. Por isso as vozes do meu romance são fracas, curtas, diluídas na extensão de dez volumes difusos. Mas foi um descobrimento. Não se apagou a noite, a janela, a enchente mágica, o peixe correndo na linha. Foi a tentativa inicial de transmitir, em termos de ficção, o que vive, sente e sonha o homem marajoara. Vale como um depoimento, uma memória, uma denúncia, uma antecipação. Tentei captar o trivial, o não heróico, o dia-a-dia da vida marajoara, vida que parece tão coisa nenhuma e é, no entanto, tão de todo mundo. Não figurei Marajó como um inferno nem tampouco como um paraíso perdido. Criei nela o meu universo, a terra encantada, e escrevi com prazer, candura e desencanto, com obstinação ingênua e saboroso desgosto, horas e horas vivi na mais divertida e amarga ilusão literária. A flauta é toca, toquei de orelha mas toquei com sentimento. O caroço de tucumã, jogado na palma da mão de Alfredo, levava o menino ao diálogo com sonhos, ambições e miragens. Esse jogo solitário, no campo ou debaixo do ingazeiro, se tornou em fermento romanesco. Do grelo no caroço pobre brotou **Chove nos Campos de Cachoeira**, matriz de toda a obra. Com o tucumã na palma da mão, foi capturando almas, cenas, figuras, linguagem, coisas, bichos, costumes, a vivência marajoara que ressoa,

miudinho como num búzio, em dez volumes.

A entrevista começou assim: com um texto de Dalcídio, lido em voz alta. E por aí, por esse pequeno exemplo da arte de escrever, a gente vê o escritor que ele é.

Dalcídio está morando em Laranjeiras, Rio de Janeiro. No dia 10 de janeiro, quando chegamos lá, estava fa-



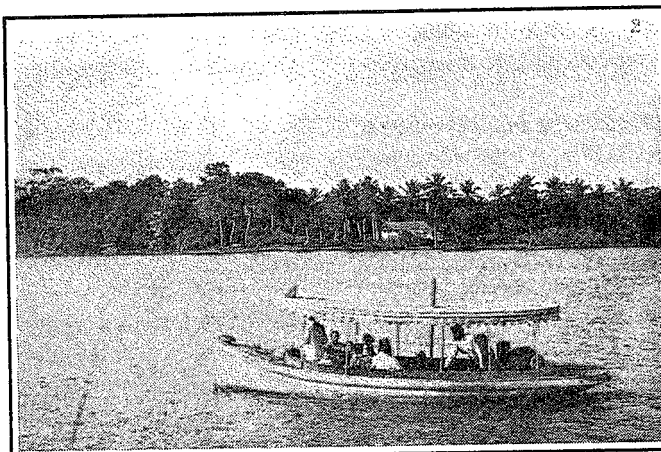
zendo 67 anos. Começamos pudim, bebemos refresco de maracujá e conversamos durante três horas.

Para início de conversa, ele não aceita o rótulo de romancista da Amazônia.

- Eu não gosto desse rótulo. Eu sou um escritor marajoara. É mais restrito, mas mais exato.

No entanto, exatamente porque soube aprofundar as realidades humanas da ilha do Marajó e de Belém do Pará, sua obra atravessa essa fronteira. É uma visão de toda a sociedade do Extremo Norte. E, nesse sentido, é uma denúncia.

- A visão que eu tive como romancista era a visão de que a realidade social é feita de lutas. De forma que eu tomei uma posição política. Meu romance é um romance político. Fui menino de beira-rio, do meio do campo, banhista de Igarapé. Passei a juventude no subúrbio de Belém, entre amigos nunca intelectuais, nos salões da melhor linhagem que são os clubinhos de gente da estiva e das oficinas, das doces e brabinhas namoradas que trabalhavam na fábrica. Um bom intelectual de cátedra alta diria: são as minhas essências, as minhas virtualidades. Eu digo tão simplesmente: é a farinha-d'água dos meus beijos. Sou também de lá, sempre fiz questão de não arredar pé de minha origem e para isso, ou melhor, para enterrar o pé mais fundo, pude encontrar uma filiação ideológica que me dá razão. Os temas dos meus romances vêm do meio daquela quantidade de gente das canoas, dos vaqueiros, dos colhedores de açaí. Uma das coisas que eu considero válidas na minha obra é a caracterização cultural da região. Acumulei experiências, pesquisei a linguagem, o falar paraense, memórias, imaginação, indagações. Para um escritor pobre, sem vagares e ócios remunerados, o esforço foi, às vezes, de desesperar, de tão braçal. Mas foi ao mesmo tempo uma delícia, uma forma de satisfeita revolta contra o magro ganha-pão, o sucesso fácil, a cômoda posição pessoal no mundinho. Os meus livros, se nada valem, valem por serem o documentário de uma situação que ainda tinha caráter cultural. Hoje, com a invasão dos rádios de pilha, da televisão, os costumes estão mudando. Os meus livros ficariam como um instrumento de nostalgia, o registro de uma cultura que está sendo destruída pela invasão da Amazônia. Uma espécie de destruição sistemática dos costumes, sem fixar o progresso, sem dar benefícios às populações. O quadro cultural está mudando. Mas o quadro de pobreza e explora-



ção persiste. A situação social e humana vai para pior. Existe o progresso técnico, mas para destruir, para manter a exploração. Tem um padre Giovanni, Giovanni Gallo, que mora no lago Arari e faz reportagem a respeito do lago, sobre a vida das pessoas, seus problemas. E é a mesma condição de vida que está no "Marajó". Mesmíssima.

Diante dessa invasão, como reagirá o homem?

- Talvez ele tenha uma vitalidade, uma solidariedade capaz de reagir a esse desmatamento cultural. Eu tenho esperança.

Não há pessimismo?

- Nós somos obrigados a ter um pessimismo viril, como dizia Gorki. Um pessimismo positivo, que vem da crítica constante. Um pessimismo com esperança.

Em **Linha do Parque** você saiu da realidade do Extremo Norte. Fale um pouco sobre esse livro.

- Linha do Parque se passa no outro extremo. É a história do movimento operário no Rio Grande do Sul, desde 1895. Eu fiz uma pesquisa longa no meio dos velhos operários anarquistas. Levantei um quadro do Rio Grande. O livro não agradou. Os operários ficaram zangados porque eu não embelezei o quadro. Apareceu muita miséria. E eles ficaram zangados comigo. Mas é um livro em que eu tenho muita fé, como romance político.

Pergunta do Torres: Alguém me disse uma vez que os seus romances podiam ter feito tanto sucesso neste país quanto os de Jorge Amado. O que você me diz disso?

- Não. Eu não sou um escritor de grande público. Os meus livros não têm o principal encanto das grandes tiragens, que é essa habilidade para fazer o leitor ser atraído pelo enredo, pelo desenvolvimento da urdidura. Eu me fixo muito na linguagem, nos vagares da narrativa, no ritmo lento das cenas.

O escritor de grande público, então, é sujeito a determinadas leis de consumo?

- Ah, é. Essas leis variam muito, mas em geral no mercado de livros o best-seller se obriga a obedecer às leis da narrativa simples. Ainda há pouco o Otto Maria Carpeaux disse que o Somerset Maugham era um grande escritor de grande público. Ele tinha a habilidade de fazer do livro um best-seller. Como o Jorge Amado, um escritor nascido para o grande público. Ele escreve com muita ingenuidade, com muita liberdade, ele escreve como uma criança.

Mas será que só o fato de você não se submeter a essas leis determinou o recesso em que seus livros se encontram?

- Não. Eles foram mal distribuídos também. Todos os meus livros foram vendidos. Mas não houve uma preocupação de lançar novas edições. Houve apenas uma seleta de textos, em que apareceu um trecho de Três Casas e um Rio. Não recebi nada. Não me mandaram nem um livro. E já está em segunda ou terceira edição.

Pedro: - Qual a editora?

Dalcídio: - Bloch.

Pedro: - Não pediram nem autorização?

Dalcídio: - Nada.

Haroldo: - Você não agiu...?

Dalcídio: - O Autran Dourado moveu um processo, mas até agora perdeu.

Torres: - Esse processo incluía todos os autores ou só ele?

Dalcídio: - Só ele

Torres: - Você não acha que se todos tivessem feito o mesmo que o Autran, isso reforçaria a posição...?

Dalcídio: - Reforçaria, reforçaria.

Torres: - Parece que, em certos momento, se a gente silencia, a gente é...

Dalcídio: - É conivente. O Autran moveu o processo, mas o tribunal deu ganho de causa à Bloch. Por que, não entendi. Existe uma versão de que o objetivo da antologia era didático.

Pedro: - Mas de qualquer maneira esse livro foi vendido.

Haroldo: - E o autor ficou à margem dos lucros...

Torres: - Do resultado do seu trabalho, né? Todo mundo ganhando dinheiro, menos ele, né?

Apesar desse ato de pirataria, apesar de ter sido prejudicado pela desatenção do poder editorial, apesar do salário modesto que recebeu trabalhando nessa pedreira que é a criação literária, apesar de tudo Dalcídio não se queixa. E o maravilhoso é que essa falta de compensações materiais não afetou os seus estímulos profissionais.

- Um livro, uma obra não é sonhada nesses termos. Desde os vinte anos, eu sonhava em fazer uma obra que fosse o pensamento da juventude. Isso eu coloquei fora de qualquer objetivo de mercado. Eu coloquei em primeiro lugar a fabricação da obra. Fabricar a obra, um trabalho diário que importava na renúncia de todas as coisas. E apesar de tudo eu a interrompi. Tive de interromper por imposições médicas. Mas talvez ela tenha um certo encanto por ser assim interrompida. Um personagem principal que ainda é jovem, que não envelhece, ao contrário do que acontece nos romances russos. Tolstói, por exemplo, no "Guerra e Paz", faz a vida nascer, crescer e morrer. A Sônia fica gordona, perde os encantos da moça que era. Eu, observadas as propor-

ções, deixei que o livro se interrompesse bruscamente. O jovem personagem não envelhece. A marcha do jovem não termina.

O que talvez explique a fé de Dalcídio nos jovens escritores brasileiros.

- Eu acredito que os novos tenham muito mais conhecimento da realidade brasileira. Eles estão mergulhados na realidade, no drama brasileiro, no drama de uma nação subdesenvolvida em sua passagem para o capitalismo. Isso cria problemas traumáticos, que vão tocar a sensibilidade do escritor. É no meio disso tudo e sob a ação universal das informações que ele pode criar uma linguagem, uma obra mais brasileira. Mais brasileira e, ao mesmo tempo, mais universal.

Os padrões de universalidade de Dalcídio são altos. Ele citou várias vezes o D. Quixote. Para ele, a literatura brasileira ainda tem de vencer as barreiras da língua e do subdesenvolvimento.

Dalcídio tem uma grande humildade diante da literatura. Pelos seus padrões, ele se julga um escritor menor. Mas que ninguém confunda: isso é humildade, não é modéstia.

- Não me considero modesto. Eu confio no meu juízo a respeito da minha obra. É uma obra menor. Não tão importante como as mais importantes. Mas uma obra concebida com muita franqueza e muito trabalho. Uma obra que precisamos tirar urgentemente do purgatório.

Como o próprio Dalcídio falou, a respeito de outro escritor:

- Quando um escritor tem talento, ele se salva. Não há nenhum escritor de valor que se perca. Isso me parece uma lei da literatura de todos os tempos.



FOTO: ANTONIO TORRES/1976